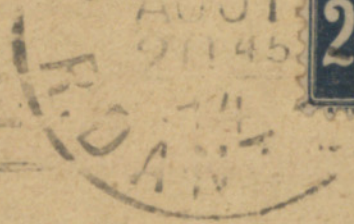


115^b-52



Monsieur Fernando Pessoa
118 rua Pascoal de Melo (3^o d.).

618/14

Lisbonne

Portugal.

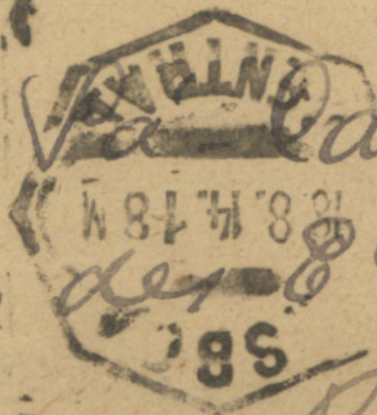


extrait de

M. de Va Carneiro

50 rue des Ecoles

Paris



MAISON MUSSEAU

60, RUE DES ÉCOLES

SALLE DE RÉUNIONS

PARIS, LE

6 agosto

191

4

Meu Querido Amigo,

Estou muito triste. Desoladora e comovidamente triste. É uma tristeza de silencio, uacuada a toux de platina - de uma parte; e doutra: um arrepios de angustia, um não-querer apavorado. Se eu lhe disser que toda esta minha historia a motiva a guerra - talvez saiba você, e entanto é ela que, na verdade, a provoca pelas complicações horríveis que pode trazer á minha vida. Com o meu amigo ao calculo - nem eu lhe posso explicar. É não é tudo: é uma saudade, uma saudade tão grande e piedosa do meu Paris de Europa, atóxico, apavorado e deserto. Lido, sem literatura, eu deamento as grandes lojas fechadas, os cafés apagados - todo o emfôrto perdido! theatros, pequenos quartos de hotéis, os salões dos grandes entreteim... Tanta pen, tanta pena... Eu sinto-me em verdade a amanté pequena dos vapores d'ouro de muito amor que partiu para a guerra e não voltou... doutre forma não posso explicar porque a esta hora sinto uma tristeza de deixar que nunca dei... uma saudade de mãos que não enlaçavam, talvez, as minhas - e tudo isto apenas suscitado pela devastação que me rodeia... Porque senti-se tão estranhamente? Meu Amigo, como uma vez você avisava mim. Sua carta - pedoe-me a literatura, e não duvide da sinceridade da minha historia. Estou honrosamente desgrazado de alma - num nervosismo constante, vibrante e ampuilador. Horas de inquietação e inquietude.

as que viro - mas de inquietação de mim próprio. Então talvez de mim próprio: como um pedaço de Europa - Que não me dier muita coisa interessante, nem um pouco. É-me um suplicio físico cada letra que a minha vontade arripada, dehotada, escreve. Apesar disto, muito por acto: lembrei-me longinquamente de escrever um livro intitulado: "Paris da guerra", onde iria anotando as impressões diárias: mas interseccionadamente: falando dos fluidos a que me refri na minha última carta, da tristeza de que me faço nesta etc. Comprende? Tenho de ver muitos episódios a tratar assim. Diga-me que pensa - Agora isto meo amigo - lembra-me: eu disse-lhe em Lisboa, no Café de Breca: Tenho a impressão que me succede qualquer coisa em Paris, que "há", qualquer coisa em Paris, isto será, por agito ou atenuar. Lembra-se? É fantástico, não é verdade? Mas bem longe estava de supor uma guerra!... - Recolho o livro do Ferno e Cunha que esta-me verdade muito bem apresentado e me deixou uma bela impressão. Transmista isto a seus rapazes, pois não tenho forças para lhes escrever. Leia esta carta ao José Padua que é também por ele, seu pensamento. E que me desculpe o não lhe escrever neste instante. Está preso? Não posso! Atravesso uma crise sem fim de tristeza dilacerada (não dilacerante: dilacerada). E se bem sei. Chai de que nunca me vou de longe do Ferno, meu amigo, aperte-me um seu braço! Chai amigos apertando estritamente os vossos braços. Adeus.

0
Maria de Pa. Carneiro

Pelo mesmo correio segue uma carta registada em 30.000 dentro p^ao meu amigo Fernando Ferno imediatamente nos enviar por via telegraphica por aqui não tivemos noticias estranhas.